



# Bem- te- ver

Débora Corn

Editora **Verso**

**COORDENAÇÃO EDITORIAL**

Cristina Jones  
Editora InVerso

**CAPA, PROJETO GRÁFICO**

**E ARTE-FINAL**  
Adriane Baldini

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)  
Mona Youssef Hammoud — CRB/9.<sup>a</sup> 1393

C812b

CORN, Débora. **Bem-te-ver (Livro eletrônico).**

Curitiba: InVerso, 2020  
40p. 13 x 19 cm – PTBR

ISBN: 978-65-86436-16-7

1.Poesia. 2.Bem-te-vi. 3.Amor. 4.Resiliência.  
5.Observação. I. Título

CDD:153.3

Poesia: B869.14

Resiliência:155.24



Ao adquirir um livro, você está remunerando o trabalho de escritores, diagramadores, ilustradores, revisores, livreiros e mais uma série de profissionais responsáveis por transformar ideias em realidade e trazê-las até você. **Todos os direitos reservados.** É proibida a reprodução total ou parcial de qualquer forma ou por qualquer meio. A violação de direitos do autor (Lei 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

## **SOBRE ESTE LIVRO**

*Todos os dias fechamos e iniciamos ciclos, sejam eles pequenos ou maiores, são significativos na construção da nossa história.*

*“Bem-te-ver”, de Débora Corn, retrata a temática do amor e da transformação desse sentimento, que assim como um bem-te-vi, um dia faz seu ninho e no outro voa para longe, dando lugar a novas formas de vida. “O pássaro continuou comigo lançando seu amor através da minha janela em todos os amanheceres”.*

Bem-te-vi

Bem-te-vi

Bem-te-vi



Um dia sonhei com o bem-te-vi.  
E também com o amor que eu tinha.  
Apareceram na subida de uma rua  
em Portugal, o bem-te-vi no começar  
da rua e o meu amor no topo.  
Pareciam que se ligavam e que se  
ligava a mim.  
Depois que sonhei com eles, o  
pássaro bem-te-vi me acordava  
todas as manhãs e me acompanhava  
por todos os lugares.  
Antes mesmo do sonho, o meu bem  
me acordava em toda alvorada e  
me deixava um sorriso com cartas  
além-mar.  
Sempre bem-me-vendo.  
Descobri que os cantos do bem-te-  
vi mudam, tem o canto que ele fala  
“bem-te-vi” e tem um sopro que é  
como se me chamasse.

Um dia após o meu aniversário, o bem-te-vi falou comigo pousado no varal com seu peito amarelo.

Falou-me sentires de poesia, me contou que gostava de cuidar de mim.

Depois o amor que eu tinha morreu pelo menos era o que eu achava.

Porém o bem-te-vi continuava a me acordar em todas as alvoradas e a falar sobre voos.

Ele me libertava.

Voava comigo.

Bem-me-via.

Parava no poste em frente à janela do meu quarto.

E mesmo eu não querendo mais acreditar; um dia ele voou até a janela da cozinha enquanto eu lavava a louça.

Disse-me poesia.

Disse-me um poema curto de significado profundo.

Aquele amor havia morrido, era o que eu achava.

Nos dias seguintes, viajei para o litoral e chegando lá quem me esperava com seu canto “bem-te-vi” foi o meu bem-te-vi.

E lá estive comigo todos os dias.

Acordava-me e pousado na árvore me via tomar café da manhã com seus olhos tão atentos.

Seguia meus passos até a praia e cantava ao entardecer.

E mesmo quando eu estava no mar, ouvia o seu canto me chamando.

Eu não queria mais acreditar. E o seu jeito tão sábio me acalentou.

Sem dúvida, o pássaro representa o amor na minha vida.

Um amor tão puro.

Tão fino.

Raro.

Ele me canta.

Ele me canta todos os dias.

Ele me liberta.

Ele me liga.

Desenha uma linha no oceano.

Voa comigo.

Bem-me-vê.

Com o passar dos meses descobri que aquele amor não era amor.

Era algo ordinário.

O “amor” morreu. Eu o matei.

Sufoquei-o com o travesseiro até suas pernas pararem de tremer.

Um alívio chegou.

Aquilo era ordinário como qualquer porcaria por aí.

O mistério que aquele “amor” tinha?  
Era não ter raridade nenhuma.

Uma porcaria.

Uma merda mesmo.

Eu inventei tudo.

Inventei os poemas, inventei o amor  
e inventei-o.

Inventei-o de uma forma tão bonita.

Inventei a ligação com o bem-te-vi.

Inventei da maneira mais  
impressionante possível.

Isso foi a única verdade.

Confesso que quando risquei aquele  
falso amor da minha vida, dormi  
com meu medo que o meu bem-te-vi  
fosse embora.

Mas não era um piá de bosta que iria levar o meu pássaro para longe de mim.

Dormi com a certeza de que o filha da puta não tinha este poder.

Não tinha poder nenhum.

Soube que ele arrancou os cabelos do lado esquerdo com a mão direita chorando a olhar-se no espelho.

A alvorada se achegou e com ela o cantar do meu pássaro amado.

Cantou de uma maneira especial.

Como jamais havia cantado.

Ele sim é o meu amor, o meu bem.

Que abre caminho para o amor em minha vida.

É amor puro.

Ele me canta.

Ele me canta todos os dias.

Ele me liberta.

Ele me liga.

Desenha uma linha no Universo.

Voa comigo.

Bem-me-vê.

Engraçado que no dia seguinte recebi uma mensagem de um homem que eu não falava há três anos mais ou menos.

Na semana anterior, tínhamos nos visto no parque, ele passou de bicicleta enquanto eu corria.

A mensagem no dia seguinte de eu cortar relações com aquele piá de bosta que eu tinha inventado coisas tão belas

Foi a seguinte: Bem te vi.

Ri sozinha.

Respondi: Bem te vi também.

O homem de cabelos loiros tão longos e olhos azuis me trouxe um alento maravilhoso.

Lembrei-me que anos antes, ele estava indo viajar, os cabelos loiros voavam com o vento, eu passei em frente ao teatro e o vi puxando a mala.

Na sua volta, ele me mandou uma mensagem: Bem te vi.

Lembrei-me também que na época fiz um poema para ele chamado: Bem-te-vi.

Soltei o riso.

O bem-te-vi, o meu bem-te-vi já existia em mim muito antes daquele piá de bosta, muito antes da minha invenção tão bela.

Aqueles olhos azuis lembraram-me voos.

Agradeço tanto.  
Bem-te-vi, bem-te-ver.



\*

Bem-te-vi  
Bem-me-viu  
Bem-te-ver  
Bem-me-vê  
Bem-te-vejo

\*

Bem-me-voa



*O inventar  
do mar*



\*

Inventei-o no âmago da minha  
verdade

Inventei o mar que nos une

Os olhos cristalinos como o rio

Me aclararam na tarde sensível

Das líricas do tempo que nos espera

Há aconchego na força do destino

Há vontade nas palavras daqueles  
que se querem

Respiro a noite iluminada de  
silêncios

Transborda em mim o vento que  
achega

Lúdica voz que inventei na minha  
querida cidade

Entre o rio e o porto, entre o Rio e o  
Porto

Acende o olhar que me embala

Me despe e me vigia de mansinho

Alinha-me na linha que nos conecta

Me sonha de repente entre risos

Entre risos de repente, sonho-o

Construo uma fresta na solitude do  
meu pensamento

Para que o sol penetre e ele saiba  
onde me encontrar

\*

Em uma longa rua com nêspervas no  
topo das árvores em ambos os lados

Eu caminhava e olhava o céu com a  
sua tonalidade extrema de beleza

Notando as cores, os  
dessemelhantes tons de azul

Reconheci que tinha regressado  
para o meu sítio

Voltado ao lugar que eu amava

Senti-me feliz, com os poros cheios  
de sol

Entardecia e ansiava avisar os  
olhos dele do meu abeiramento

Porém na avenida não encontrei  
meios ou possibilidades

Continuei caminhando e deparei-me  
com uma subida

No começo da elevação, avistei um  
bem-te-vi

Como ele havia chegado ali?

Naquele país onde não existia o  
canto desse pássaro

Como eu, ele havia atravessado o  
oceano

Segui notando cada passo, guiada  
pelos entretons do ocaso

No topo, o olhar dele estava à minha  
espera

Mirei o seu olhar tão aclarado

Bem-o-vi

E senti seus lábios quentes de  
acalanto

\*

Ele me ensinou um traço mais largo  
Envolto nas luzes do azul do céu  
Mostrou-me que a coragem vem da  
amorosidade

O vento que chega me abraça com o  
cheiro dos seus cabelos

De falar de nós dois, brincam os  
canários com suas engraçadas  
cantigas

Em cima da goiabeira do meu  
quintal

O bem-te-vi me acompanhou desde o  
abeirar da alvorada

E agora canta para minha emoção  
irradiada de pôr do sol

Pelos raios através das pequenas  
folhas do alecrim

Bem-o-ver completa a minha  
respiração que pulsa na palma da  
minha mão

Ele me ensinou que o entardecer  
pode ser mais luminoso em cada dia  
que passa

E que as canções mais lindas em um  
solo de piano são sobre nós

Ele é o próprio bem-te-vi com seu  
peito amarelo

A sua presença supera continentes

Ele me mostrou a sua alma com o  
voejar de todos os pássaros

*O meu  
bem e o  
meu bem-te-vi*

\*

O sol que chega à minha janela  
traz o canto do meu bem-te-vi  
Ele assopra em mim os tons de azul  
que contém no céu  
Seca meus olhos úmidos da dureza  
das ruas  
Invade meu coração com o vento  
que balança o meu cabelo

O oceano vai e vem em sua  
imensidão de existir  
E perto de mim o meu bem-te-vi  
ecoar mensagens trazidas além-mar

Dos olhos do meu bem, o meu bem-  
te-vi recolhe amor

E passa-me os aconchegos colhidos  
através do seu voejar

Me liberta com suas asas

Cuida de mim em suas visitas

Embala meu acordar

E desperta o meu querer

\*

Fecho os olhos e escuto sua  
respiração ofegante  
Observo aquela paz  
O desejo que paira  
Para reacender



*Acordes  
solados  
pela voz dele*

\*

Ele me ensinou que o vento sempre  
passa pelo lado esquerdo da  
montanha

Me contou que a terra na casa da  
avó é fofa e fresquinha

E que os pés descalços foram  
desenhados para caminhar até o  
jardim

Embaixo das árvores tocadas pelo  
sol, traz-me um sorriso molhado de  
gentileza

Pinta acordes no piano que tocam  
minha pele em cada manhã

Disse-me que é só fechar os olhos  
para ouvir a sinfonia dos grilos

No meu ouvido, diz coisas  
improváveis: as cores dos bem-te-vis  
na primavera

E a rima dos seus cantos no  
amanhecer dos dias de outono

Falou que os sonetos esquecidos  
eram pinturas espelhando o mar

*Romper*

*Se libertar*

*Ainda bem*

\*

Não tenho nem inspiração para  
escrever algo para você, tongo

A sua tolice revelada nos últimos  
dias me seca a garganta

Sem nenhuma vontade de lhe falar  
qualquer coisa

Saiba que os olhos do poema do  
passado não eram seus

Saiba que os olhos nunca foram  
seus, nem naquele presente  
inventado

Não conheci seus olhos de verdade,  
que triste...

E foi o melhor para mim, onde eu  
estava com a cabeça?

Tudo que escrevi, eu escrevi para  
alguém que não existia

Um completo idiota era o que você  
era e é

Medo de enfrentar delicadezas  
aparentemente invisíveis

Você não enxergava nada, pois não  
tem olhos para isso

Inventei tanta coisa, um olhar, uma  
pessoa cheios de cheiro de jasmim

Nunca quis refletir coisa alguma  
nestes seus olhos medrosos

Perder um grande amor por medo

Vai encontrar o seu vazio, o seu  
vício, a sua dor

O seu delírio, a sua solidão de não  
falar

Tongo de todas as dimensões  
possíveis

Deixa escapar aos seus dedos um  
amor tão delicado

Tão apessêgado, tão risonho de  
pores dos sois

Tão cheio de mar e rio, de campo e  
acordares

Tongo é o seu novo nome

Assim chamo agora quem eu já quis  
acariciar os cabelos

Já tenho outros fios entre meus  
dedos cheirando risos

Brisas que passam pela varanda do  
afeto

*Segue o pôr do sol*

*Vejo a poesia*

*Sonho*

\*

Bem-te-vi voa

Canta-me

Bate com o seu bico no telhado

E me olha com os seus olhos tão  
fundos

Todas as manhãs



Ele passa

Bem-te-vi, bem-te-vi, bem-te-vi



Ele me chamou na janela  
Respondi e coloquei a cabeça para  
fora  
Ele pousou no fio de luz  
Bem-te-vi, ele disse  
E voou por cima da casa

Ele me chamava voando em volta da  
casa

Fui até a janela e ele continuava a  
me chamar

Pousado no varal

Ficou a me olhar

Pulou no pé de goiaba

E falava comigo enquanto me olhava

Pulou na amoreira

E falava uma coisa ou outra

Pulou no muro e olhando para mim

Disse “bem-te-vi” abrindo as asas

Sorri, chamei-o de lindo e ele voou

Sonhei com o bem-te-vi  
Na verdade, não sonhava  
Deitei para um cochilo e ele  
adormeceu comigo  
Sonhei com o voejar de um abraço  
Quando as asas se tocavam

Bom-te-ver

Bem-te-ver

Bem-te-vi



*Aqueles cabelos loiros*

*Tão longos*

*Voando com*

*O vento*

*Me ensinaram voos*

\*

Bem-te-vi

Bem-te-vi no olhar do sabiá

Guardei tua chegada ao segundo  
que não ecoa

Vi-te dentro do medo que me  
esvazia

Bem-te-vis à borda do riacho que o  
vento balanceia

Vi-te na toada do canário sonolento  
Na claridade bruxuleante dos  
efeitos

Em luminárias coloridas em frente à  
casa do palhaço

Sabia bem-te-vi cantiga de onda

Vi o trovar do basalto

Bem-me-viu alagar o olho de pôr do  
sol...





FOTO HUMBERTO PEREIRA



**Débora Corn** é poetisa, escritora, sommelière e professora de teatro. Vê poesia em tudo e escreve: poemas, crônicas, romances, anedotas, contos, textos, peças, papos, beijos, ironias, barcos, liberdade, gols.

Sempre foi poetisa; descobriu isso antes de ir lançar o primeiro livro “Joni Depi me chamou pra ir ao samba” em Portugal em 2014, por acaso achou caderninhos onde anotava sentimentos desde os nove anos, revendo achou ali um pouquinho da sua ferocidade, tristeza, ironia, afabilidade que encontra em sua poesia hoje.

Claro que, dos caderninhos pra cá, muitas coisas aconteceram... Formou-se em Artes Cênicas, lançou dois livros em Portugal, escreve para uma revista portuguesa, fez um quadro de literatura em uma rádio portuguesa, escreveu um romance, concluiu um curso de Bem-estar e Literatura na Universidade de Warwick. Seu terceiro livro de poesia “Olhos de Mar Cheios de Água”, pela editora InVerso, foi lançado na Feira Nacional de Ribeirão Preto.

Apaixonada pela palavra diz poemas ao cair da noite.

Instagram: [@debora.corn](https://www.instagram.com/debora.corn)

**Leia também, da autora:**



**OLHOS DE MAR CHEIOS DE ÁGUA**

Olhos de Mar Cheios de Água é um livro de homenagens para Fernando Pessoa, ligando seus heterônimos às cidades que ela sentiu em Portugal: Lisboa e Bernardo, Porto e Reis... É um alfarrábio que fala de oceano, rio e muita água no olhar; com água nos olhos, escreveu também sobre o fado, que enche o âmago da poetisa de fulgor.



**Editora**  
**verso**

[www.editorainverso.com.br](http://www.editorainverso.com.br)



[www.editorainverso.com.br](http://www.editorainverso.com.br)



[facebook.com/editorainverso](https://facebook.com/editorainverso)



[@editorainverso](https://@editorainverso)



(+55 41) 3254-1616 e 3538-8001



Curitiba, maio de 2020